

AOS 63 ANOS ALEXANDRE FALCÃO CONTINUA A SER UM HOMEM DAS ARTES

# O público é o meu aquário



**Se eu entender que o meu grupo deve fazer espectáculos com determinadas características, arrisco-me a ter como espectadores os meus amigos e pouco mais, porque faço teatro só para eles. E também posso fazer espectáculos para o grande público. E há uma coisa que quero ressaltar: muitas vezes diz-se que os espectáculos para o grande público são de qualidade inferior. Mentira.**

Por Marisa Pinho

*É como um peixe na água que Alexandre Falcão, um homem do norte, mas nada bairrista, se sente no universo das artes. Desde a pintura e geometria descritiva à arte de representar, este também professor tem que se divertir muito em tudo aquilo que faz. O primeiro contacto que Alexandre Falcão teve com o teatro foi através da sua avó que era actriz. Começou no Teatro Experimental do Porto e, anos mais tarde, pisou os palcos que a sua avó e tantos outros actores que admirava pisaram. Alexandre Falcão não entende a falta de incentivos para o teatro, não entende o que leva muitos a considerarem as peças para o grande público desprovidas de qualidade, não entende o porquê de haver quem queira ser actor. Em entrevista ao AUDIÊNCIA percebe-se que Alexandre Falcão, ainda hoje, aceita qualquer papel sem antes o conhecer. Por este quadro azul e cor-de-rosa, mas também com alguns traços a negro, que Alexandre Falcão pinta a sua carreira de actor, o AUDIÊNCIA dá nota 20.*

## É do Porto?

**Alexandre Falcão:** Nasci em Rio Tinto, mas há muitos anos que vivo em Matosinhos. A minha vida foi mais passada no Porto do que noutros sítios, logo já me considero do Porto.

## É um homem do norte...

**AF:** Sou um homem do norte, apesar de não ser nada bairrista nesse aspecto. Não tenho problemas nenhuns de ser do norte ou do sul. Primeiro porque o meu pai era bem lisboeta e a minha mãe era daqui. Às vezes acho essas coisas um bocadinho ridículas de ser do norte ou do sul. Lá em baixo em Lisboa pelo que conheço ninguém fala no norte. Aqui há uma certa tendência para valorizar as coisas, como sendo algo extraordinário quando se fazem coisas no norte. Ouvi toda a minha vida dizer que no Porto é que está o dinheiro, no Porto é que está o trabalho... então porque é que não se faz tanto ou mais do que lá em baixo. As guerras que se fazem no futebol também não as entendo. Mas o norte afinal o que é? É a partir do Douro para cima, do Mondego ou do Tejo? Não sei o que é a zona norte, porque se é a partir do rio Douro, Gaia já pertence ao sul, já é sulista.

## Na sua opinião o norte não está tão desenvolvido como o sul?

**AF:** Não é uma questão de desenvolvimento, é uma questão de arriscar. Há um certo medo de arriscar nas coisas. Claro que

agora não é muito um período de arriscar. Está tudo um bocadinho na retransmissão. Para mim há um defeito muito grande no que diz respeito à mentalidade das pessoas: gostamos mais de dizer mal do que fazer, mas isso até se estende um bocadinho ao país inteiro. Primeiro dizemos mal de tudo e de todos e depois fazemos pouco quando alguém quer fazer alguma coisa. Vêm logo os detractores a dizer que não resulta. Há muito medo nessas coisas e aqui as pessoas arriscam pouco e são pouco reivindicativas. Noto que as pessoas estão à espera das benéficas governamentais e quem pode investir também não investe nessas coisas, especialmente na cultura. A não ser que seja uma coisa que dê dinheiro ou muito na vista, como o futebol. Eu não tenho nada contra o futebol. Gosto de futebol na televisão, não vou para os estádios porque sinto-me mal, devido a uma experiência muito desagradável por que já passei. Era adolescente e fui ver um jogo de futebol no antigo campo do Leixões que tinha umas bancadas de madeira, as bancadas ruíram e foi muita gente para o hospital. Eu assisti a tudo e fiquei um pouco traumatizado e nunca mais fui. Mas as pessoas aqui têm uma certa tendência para dizerem mal e quando alguém é bem sucedido na vida depois tem a inveja toda atrás de si.

## Nota isso?

**AF:** Noto. Há pessoas que pouco fazem pela vidinha. Depois há coisas extraordinárias. Eu nunca saí daqui, porque nunca quis fazer vida do teatro e da televisão, gostei sempre das minhas aulas. Fui professor. Felizmente, consegui acumular as duas profissões ao longo dos anos, porque para mim era importante garantir a minha sobrevivência. Sabia que a profissão de actor tinha poucas hipóteses. Se pudesse acumular era bom e estava a fazer aquilo de que gostava.

**Em 1982 recebeu o Prémio Actor Revelação pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro**

**com a sua interpretação em "Um cálice de Porto". A que soube este cálice?**

**AF:** (pensativo) Não sei dizer exactamente. Primeiro não contava... Até porque estava a tão pouco tempo no teatro que, para mim, seria uma das coisas que se aparecesse, não apareceria tão cedo. E ao fim de dois anos de eu ter ido para o teatro apareceu-me este prémio. Ainda para mais foi dado pela associação de críticos, o que é mais engraçado. Na altura havia críticos de teatro. Foi realmente uma surpresa, mas é uma das coisas que sabe sempre bem - ter o reconhecimento. Embora para mim às vezes o mais importante seja mais a opinião do público do que a opinião dos especialistas. Às vezes os especialistas intelectualizam as explicações e o público é mais sensível, sente, não está para racionalizar. O que é bom é bom e às vezes nem consegue explicar porque gosta. Para mim é muito importante ouvir as pessoas dizerem que gostaram muito. Às vezes quando vou na rua ou no metro encontro pessoas que me dizem "gostei daquilo que fez, daquela personagem"...

## E não se incomoda de ser abordado na rua?

**AF:** Não, não me incomoda nada. Só me incomoda se eu estiver numa conversa com aqui e vier uma quantidade de gente pedir autógrafos. Às vezes é um bocadinho aborrecido quando se está num restaurante a jantar e as pessoas vêm e temos que parar e falar. Mas sou simpático e percebo, perfeitamente, que é uma oportunidade para as pessoas se aproximarem de quem vêm no palco. Há sempre aquela ilusão que eu cheguei a ter, porque a minha vida de teatro começou por eu andar com os actores que admirava.

## De quem é fã ou admirador?

**AF:** É mais amizades. Em primeiro lugar vêm as amizades e depois vem o trabalho. Eu conheci muita gente quando andava na Escola de Belas Artes e comecei no Teatro Experimental do Porto a ir ajudar a fazer cenários com o escultor José Rodrigues que, na altura, era também professor na Escola. Um dos espectáculos que me marcou, em que eu participei a amarrar cordas e cordas e que ficava com as mãos cheias de calos, foi o espectáculo "A Casa de Bernarda Alba". Este espectáculo foi um marco importantíssimo para o teatro e comecei, aí, a conhecer os actores. Antes disso ainda conheci o António Pedro. Depois, quando as companhias do Vasco Morgado vinham para o Porto traziam sempre o Ruy

de Carvalho, o Paulo Renato, a Laura Alves, o António José Teixeira... Comecei também a convidar estes actores a irem falar na Escola de Belas Artes sobre teatro, porque, na altura, estávamos a fazer teatro na escola. Todas as coisas que queríamos apresentar nunca pudemos leva-las à prática, porque a censura não deixava. O primeiro trabalho que queríamos fazer era baseado num poema de Daniel Filipe, o "A invenção do Amor", mas não nos deixaram, assim como outras peças. E o teatro na Escola de Belas Artes ficou por aqui. Continuamos a receber pessoas e a falar. Houve um dia em que estava lá na cantina da escola com o Ruy de Carvalho e o Paulo Renato e fomos expulsos pela polícia, tivemos problemas com a polícia política... Bem foi o fim do mundo...

#### Estamos a falar de que ano?

**AF:** Estamos a falar da década de 60, eu entrei para a Escola de Belas Artes em 64 ou 65. Já se falava um bocado no Maio de 68 em França.

#### E foi nessa altura que ganhou o gosto pelo teatro?

**AF:** O gosto pelo teatro, de uma forma inconsciente, eu já o tinha. Eu comecei a ver teatro com a minha avó que organizava uns recitais com as meninas da Juventude Católica que faziam todos os anos uns espectáculos. A minha avó andava nessas lides, porque pertenceu ao grupo dos Modestos. Era um grupo de benemerência, constituído por uma pequena burguesia e comerciantes. Este grupo tinha, além da benemerência, uma forte componente cultural: organizava muitas festas, passeios pelo Douro e fazia teatro. A minha avó era uma das actrizes dos Modestos. Ainda conservo algumas peças escritas a mão, que era o meu avô que passava os papéis para os actores, e algumas fotografias de jornais da época. Portanto, esta via do teatro veio da minha avó materna. Comecei a ver teatro feito pela Juventude Operária Católica. Até que depois eu, adolescente e já em Valongo, tomei conta de um grupo amador em que fizemos muitos espectáculos no Cine-Teatro de Valongo, e era muito engraçado, porque nos dias de teatro a aldeia ficava deserta. Ia toda a gente a pé ao teatro que era nos bombeiros. Hoje o Cine-Teatro está completamente em ruínas. Foi, nessa altura, que eu descobri o Molière. E passados muitos anos não é que eu vou pisar os palcos dos Modestos? Fiz lá uma peça com o grupo Os Comediantes e, pelo menos, fiz lá duas peças. Pisei as mesmas tábuas que a minha avó pisou. Foi uma coisa fantástica. Isso repetiu-se nos palcos onde pisaram os outros actores que eu via no São João, no Sá da Bandeira...

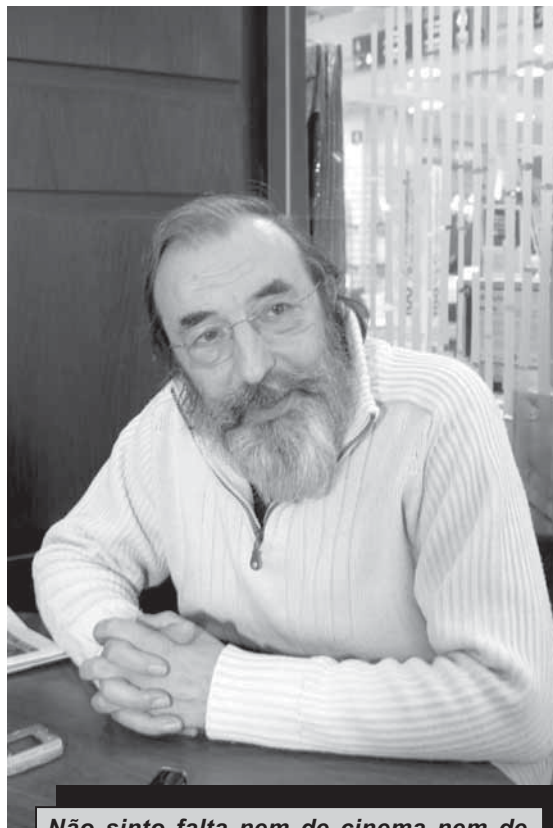
#### Estreou-se como actor em 1980 em "Quanto vale um Poeta" no

#### Teatro do Campo Alegre. Essa foi a sua primeira experiência na representação?

**AF:** A minha primeira peça foi "Quanto vale um Poeta", encenada por Norberto Barroca que era uma das pessoas que eu admirava muito quando o via na televisão a dizer poesia e numa peça ou outra que ele entrava na televisão. Lembro-me de uma vez de um espectáculo feito com meios muito escassos, mas que eu achei um máximo. Como gostava muito das peças que ia ver ao Teatro Experimental do Porto, era fã desses espectáculos e muitos deles passavam para a televisão. E o grande impulsionador foi o Correio Alves. Todas as semanas havia um dia de teatro na televisão. E era em directo, não havia nada gravado. Logo aconteciam as coisas mais incríveis que se possam imaginar desde cenários a cair, os actores a enganarem-se nas falas, era tudo directinho.

#### Na sua opinião houve uma evolução (positiva ou negativa) na forma como se faz teatro hoje em dia em Portugal comparativamente ao que se fazia há quase 30 anos atrás?

**AF:** Há quem diga que a maneira de representar sofreu algumas alterações. Eu não sei se há, efectivamente, evoluções na maneira de representar. Agora, a nível de meios técnicos há. Hoje podemos fazer coisas extraordinárias devido à evolução dos meios técnicos. Mas, aquilo que hoje se faz mecanicamente fazia-se a pulso, não se deixava de fazer. Os efeitos que existem hoje já existiam antigamente, embora feitos de uma forma mais artesanal. Por exemplo, temos máquinas de fazer fumo, mas quando não há dinheiro utilizam-se aquelas barras de gelo sólido que se deitam na panela de água a ferver e faz aquela fumarada toda. Hoje em dia já existem projectores de tal maneira evoluídos que se movem e mudam as cores, não é preciso ir lá pôr as gelatinas e os filtros. Hoje, os robots já fazem tudo sozinhos. E os grandes espectáculos fazem-se com os meios técnicos que há ao dispor. Permite-se fazer coisas que não era possível serem feitas há uns anos atrás. Por isso, dá azo à imaginação e à criatividade dos próprios encenadores. No entanto, estas situações custam um dinheirão e há muita gente que não tem dinheiro. Antigamente faziam-se ensaios de luzes e nós estávamos horas e horas em cima do palco a afinar as luzes: sobe escadote, abre mais, inclina mais para aqui e mais para acolá, sobe escada, desde escada. Era afinado um a um e passávamos horas em pé para afinar as luzes. Hoje as luzes são postas e é tudo feito de uma forma científica de aberturas e ângulos de inclinações, monta-se cá em baixo na barra, a barra sobe, grava-se num cd, carrega-se num botão e a luz faz sozinha, quando era tudo manual. Às vezes eram



**Não sinto falta nem de cinema nem de televisão. Se me perguntarem se eu quero fazer digo que quero, mas se me derem a escolher eu prefiro o teatro. Eu não consigo viver sem o público.**

precisas quatro mãos... Hoje em dia, há muita gente que é só actor, não faz mais nada nem sabe nada de nada do que se passa no palco. Eu, felizmente, por necessidade e por pobreza, porque não tínhamos os meios adequados, fiz tudo aquilo que se pode fazer no teatro. Sou capaz, hoje em dia, desmanchar um projector e de substituir uma lâmpada, porque fui quase obrigado a participar em tudo isso. E também há uma coisa que eu digo muitas vezes e que não tenho vergonha de o dizer: éramos nós que fazíamos a limpeza do teatro. Eu cheguei a limpar as casas de banho do teatro do Campo Alegre.

#### Passavam por essas fazes todas...

**AF:** A primeira coisa que eu fiz quando pensava que ia ser actor foi aparecer no escritório da companhia para ser contratado para um espectáculo e eu pensava "eu agora vou ser actor" e, a primeira coisa que me disseram foi "nós aqui fazemos tudo e se não te importas pega nessa vassoura e vai limpar o escritório".

#### E é fácil ser-se actor em Portugal?

**AF:** Depende. É fácil ser-se actor de televisão, isso é muito fácil.

#### Teatro não?

**AF:** Não. Para já não há muitos sítios onde as pessoas possam ir. Há os grupos, mas os grupos já têm o seu elenco, às vezes precisam de mais gente, mas há menos postos de trabalho no teatro. Aqui, no Porto, se as pessoas quiserem fazer teatro é difícil a não ser que seja necessário aumentar o elenco. Na televisão já é necessário muita gente e não é preciso passar pelos palcos. Há muita gente que é actor sem nunca ter pisado o palco, mas a televisão não tem a ver com teatro. Como há grandes actores de cinema que nunca pisaram um palco. Pode-se ser um excelente actor de televisão e de cinema e ser-se péssimo no teatro e vice-versa. São linguagens completamente diferentes.

#### Em que plataforma é que se sente mais confortável?

**AF:** Gosto mais de teatro. Eu já tive oportunidade de ir para as novelas, mas como eu vivo no norte e no norte não há novelas... Se quiser ir tenho que ir para Lisboa. Mas não estou interessado em mudar-me de malas e bagagens para Lisboa. Nunca fui, embora já me fosse tentado a ir por algumas pessoas para fazer novelas.

#### Mas já participou em séries...

**AF:** Em séries sim. Eu fiz muita televisão aqui no Porto, rectifico, em Vila Nova de Gaia, porque os estúdios do Porto são em Gaia (risos). Fiz muitos programas da manhã, talk-shows, fiz programas do Júlio Isidro e fiz mesmo espectáculos de teatro para televisão. No Porto também deixou de haver televisão. Mas eu não sei o que se passa na televisão, porque só vejo quando vou para a cama e já é muito tarde. Logo só vejo a RTP memória.

#### Qual é o género de personagens que mais gosta de interpretar: cómicas, as que têm maior densidade dramática...

**AF:** Depende. Aquilo que eu tenho feito mais é comédia. Muita gente acha que eu tenho jeito para a comédia e é onde eu me sinto bem. Mas já houve outras situações em que pus à prova os meus dotes para fazer chorar e dizia aos colegas "atenção que isto hoje é para o lenço", e puxava, como se diz no teatro, para pôr o público a chorar. Ainda no último espectáculo que eu fiz houve muita gente com o lenço na mão no final.

#### O Alexandre também fez cinema. Sente falta do cinema?

**AF:** Não. Não sinto falta nem de cinema nem de televisão. Se me perguntarem se eu quero fazer digo que quero, mas se me derem a escolher eu prefiro o teatro. Eu não consigo viver sem o público. E aviso sempre os encenadores que não me conhecem para terem muita paciência comigo, porque só consigo ir até um certo limite nos ensaios, só depois do espectáculo é que subo. Para já, não me sinto bem ao estar a representar com os colegas a verem-me. Tenho vergonha. As pessoas acham que o público intimida e que mete medo, mas eu tenho medo, intimido-me e inibo-me com os olhos dos colegas a olharem para mim nos ensaios. E não vou mais do que aquilo, já tive encenadores a entrarem em pânico comigo. O público é o meu aquário.

#### Já se deparou em algum momento da sua carreira de actor sem trabalho?

**AF:** Sim. Felizmente, tive sempre uma carreira muito regular e quando fui para a reforma e pensava que a partir daí só ia fazer teatro, nessa altura, não apareceu proposta nenhuma e estive dois ou três anos sem fazer, rigorosamente, nada. Ninguém me chamou para coisa nenhuma.

#### Como conseguiu dar a volta por cima?

**AF:** Consegui dar a volta quando fui à minha médica e disse-lhe que antes que começasse a ter uma depressão para ela me dar qualquer coisa, ela deu-me uma caixa com umas pastilhas e a coisa lá passou. Mas senti-me muito mal, porque fui uma pessoa que sempre tive uma vida muito preenchida durante o dia. Saía de

## ENTREVISTA

**Se eu pintasse um quadro teria que pôr muito cor-de-rosa com muito azul, mas este azul não significa nostalgia nem depressão, seria o azul do céu ou do mar. Mas teria de pintar algumas coisas de negro. Porque eu estou no teatro por raiva, fizeram-me sofrer tanto, tanto, tanto que chorei baba e ranho.**

manhã e entrava à noite. Quando dei por ela, eu disse 'agora é que eu vou conhecer a minha casa, porque ainda não a conheço bem', não tinha tempo sequer. Por isso, nessa altura, sentia-me muito mal por estar sem actividade. Foi um período em que comecei a viajar. Depois surgiram-me logo três espectáculos a seguir. Agora é difícil encontrar outros locais para representar, porque cada vez há mais cortes, há menos dinheiro, pelo menos é o que me dizem. Algumas das pessoas que, neste momento, estão em companhias estão a ganhar menos do que ganhavam há dez anos atrás. Não sei o que se passa...

**E é tudo a recibo verde. Não há vínculos...**

**AF:** Sim, é, praticamente, tudo a recibos verdes. Não há vínculo nenhum. As pessoas fazem uma peça e vão embora, não são precisas. Ou porque não há dinheiro ou por outras razões os espectáculos têm cada vez menos gente. Ou fazem monólogos ou fazem diálogos, fazem com um, com dois ou com três pessoas...

**Mas o que é certo é que estes musicais como os de La Féria têm sido um sucesso de bilheteiras...**

**AF:** Mas isso é independente do sucesso e das bilheteiras, porque algumas companhias têm subsídio e, por isso, são obrigadas a praticar bilhetes mais baratos. Um subsídio é um subsídio, não é para pagar a totalidade, os bilhetes têm que ser mais baratos e a bilheteira não rende. Por outro lado, a maioria dos grupos não tem salas para representar. Têm que andar em salas alugadas que têm as suas produções. Muitas vezes são espectáculos engraçados que as pessoas começam a ir ver e, quando o espectáculo começa a dar em termos de público, têm que acabar, porque acabou em termos de tempo. Por isso, nunca se pode fazer um espectáculo em que se possa dizer que vai na centésima representação e as pessoas continuam a ver, por muito bom que o espectáculo seja. As companhias não têm um local próprio para dizerem: isto está a dar e vamos continuar. Isto não é possível.

**La Féria é uma excepção?**

**AF:** É, porque dispõem de um espaço que pode gerir, excepto em algumas circunstâncias em que se tenha que interromper como no caso do Fantasper, mas isso já



faz parte do contracto. Neste caso, o La Féria pode dispor do espaço como quiser.

**É uma excepção nesta panóplia de companhias aqui no Porto.**

**AF:** Pois. Por exemplo, mesmo o Teatro Nacional São João e o Carlos Alberto têm uma programação e muitas vezes eles próprios têm que interromper um espectáculo para vir uma outra companhia ou outra situação qualquer e depois retomam. Estas coisas são assim. É como eu digo: os espectáculos são como os melões – tomamos-lhes o peso, apalparamos-lhes as extremidades, cheira-se e compra-se – com os espectáculos passa-se a mesma coisa. O espectáculo só depois de estar estreado é que se sabe se é bom, mau, se as pessoas vão ou não. Mas tem que haver uma programação qualquer, tem que haver alternativas.

**Mas também é incontestável que Filipe La Féria tem uma forte estrutura e uma enorme máquina de marketing à sua volta na promoção dos espectáculos...**

**AF:** Tudo isso é importante, mas

também lhe digo que não é por haver mais cartazes na rua que as pessoas vão ao teatro. As pessoas vão ao teatro essencialmente pelo "passa a palavra": vai ver que é giro, vai ver que é bom, vai ver que vale a pena. É isso, não é a publicidade propriamente dita. Eu já tive experiência em publicidade e sei que as pessoas passam na rua e já nem olham para os cartazes. Agora, o que tem influência é a televisão. Qualquer coisa que apareça na televisão tem uma forte influência nos espectadores.

**Acha que as pessoas só vão ver o que está na moda, neste caso, parece serem os musicais, apesar de Portugal não ter uma tradição nesta área?**

**AF:** Não são só os musicais. Já houve outros espectáculos em que estavam actores de televisão e esgotaram. É preciso que os espectáculos tenham os ingredientes necessários para que as pessoas vão ao teatro.

**Quais são os ingredientes de uma peça para atrair as pessoas para o teatro?**

**AF:** Tudo depende dos projectos

de cada estrutura teatral. Se eu entender que o meu grupo deve fazer espectáculos com determinadas características, arrisco-me a ter como espectadores os meus amigos e pouco mais, porque faço teatro só para eles. E também posso fazer espectáculos para o grande público. E há uma coisa que quero ressaltar: muitas vezes diz-se que os espectáculos para o grande público são de qualidade inferior. Mentira. Os espectáculos para o grande público podem ser de grande qualidade. Eu fiz espectáculos para o grande público e de qualidade. Nunca fiz nenhum que não tivesse qualidade. O "Um Cálce de Porto" teve dois anos em cena e só interrompeu um mês para férias. Foi um sucesso, correu o país inteiro. E foi por isso que a companhia deixou de receber subsídio, porque estava a fazer teatro comercial por ter muito público. São coisas espantosas. Em vez de dizerem 'olha, finalmente, que isto está a dar lucro, vamos apostar', mas não. Corta. E foi, exactamente nessa altura que a companhia profissional, com um elenco fixo, com descontos para a segurança social, com o décimo terceiro

mês e subsídio de férias passou a ter recibo verde. Agora não há coisa nenhuma e aquilo que as pessoas ganham nem sequer dá para descontar para a segurança social. É como antigamente: as pessoas ganhavam tão pouco que se descontassem para a segurança social ficavam sem dinheiro e, hoje em dia, está a acontecer a mesma coisa. Neste momento, o actor tem subsídio de desemprego? Tem caixa? Precisa de um médico? É uma profissão perfeitamente à margem de todas as outras. Ninguém pode estar doente no teatro. Tenho tido colegas que desde braços, pernas, cabeças partidas continuam a andar. Tenho um exemplo de um colega que lhe morreu o avô, ele foi ao velório e veio fazer o espectáculo, no outro dia foi para o funeral e depois veio fazer o espectáculo. Qual é a profissão em que isto acontece?

**Por isso é que lhe perguntei se era difícil ser-se actor hoje em Portugal.**

**AF:** É muito difícil ser-se actor e eu pergunto porquê, o que move as pessoas a virem para isto. E eu que já estou velhote podia andar a fazer cruzeiros, estou metido nisto a ensaiar às vezes até cair. Andar aqui a correr, a ensaiar porque vai haver substituições, a tirar fotografias, a não ter um tempo para mim sequer, como alguns colegas que nos dias de folga, à segunda-feira, têm que ir para as televisões, para Lisboa... Por amor de quê? É estranho.

**Já alguma vez tinha trabalhado com Filipe La Féria?**

**AF:** Já conhecia o Filipe, mas nunca tinha trabalhado com ele. No entanto, tinha ouvido muitas referências à maneira como ele trabalhava e quando fui para lá já sabia para o que ia. Mas queria era ver *in loco*.

**Quando é que surgiu o convite de La Féria para integrar o elenco de "Um Violino no Telhado"?**

**AF:** Foi em Março, mais ou menos por essa altura.

**Aceitou de imediato o convite ou pensou?**

**AF:** Fiz sempre as peças que me ofereceram. Nunca escolhi as peças. Nunca me interessou saber o que ia fazer. Todas as companhias com que trabalhei perguntavam-me se eu queria entrar no espectáculo e eu dizia que sim, independentemente de saber qual era a peça, quem era o encenador, qual o papel que ia fazer. E agora também aconteceu o mesmo quando fui para "Um Violino no Telhado". Fui sem saber, exactamente, o que ia fazer, apesar de ter algumas indicações. Para mim qualquer papel serve. Eu já fiz alguns musicais como "Um Cálce de Porto" ou "A Família do Porto" e muitos outros que tinham uma componente forte de música, só que antes chamava-se o teatro musicado e, agora, é musical por influência americana. Já estava um

## A influência da televisão

**Os actores que vêm da televisão para o teatro são um prenúncio de casa esgotada?**

**AF:** É evidente. É um chamariz. Não é por acaso que alguns colegas que estão na televisão se juntam e montam um espectáculo que vai pelo país fora e têm sempre as casas cheias, porque as pessoas querem ver ao vivo os artistas que vêm na televisão. A televisão tem um papel importantíssimo. É evidente que quanto mais divulgação houver, melhor.

**E, nesse caso, La Féria ganha?**

**AF:** Ai sim. Mas o fundamental é o boca a boca. Por exemplo, mesmo tendo aqui o TEP em Gaia, às vezes é difícil deslocar as pessoas para aqui e é só atravessar a ponte. Eu vejo isso por mim, quando eu vinha do Porto para Gaia ao cinema

parecia que eu vinha do estrangeiro. O outro lado parecia muito longe, não era cómodo. Ainda não havia o metro.

**Mas é preciso também ter atenção que Gaia tem mais habitantes do que o Porto.**

**AF:** Exactamente. Houve uma coisa engraçada que foi quando eu estive aqui a fazer uns espectáculos vinha muita gente do Porto ver. Mas agora, porque é que vinha? Porque estava, num deles, o Ruy de Carvalho. É evidente. Agora se for o Alexandre Falcão já não vêm as mesmas pessoas, quer dizer, um ou outro amigos meus até vêm, mas a população não se vai deslocar do Porto para Gaia para vir ver o Alexandre Falcão. Todas essas coisas têm influência. No entanto, acho que há um defeito na população que é não experimentar e ir ver outras coisas.

pouco habituado a esse tipo de espectáculo. Em relação aos outros espectáculos que vi de La Féria, tinham uma componente forte de música, este tem uma componente forte de teatro. E a mim agrada-me mais esta componente de teatro e a canção aparecer como um pretexto; há um pretexto para que ela aconteça. As pessoas não vão ouvir as canções, por muito interessantes que sejam, as pessoas vão ver um espectáculo de teatro. Muita gente diz que este é o melhor espectáculo de Filipe La Féria, porque tem essa componente forte de teatro.

**Mas porquê que aceita sem "pestanejar" os papéis que lhe são dados sem antes os conhecer? Porque confia no encenador, porque está disposto a fazer qualquer papel?**

**AF:** Eu gosto desta incógnita e de ser apanhado de surpresa. Depois vê-se o que se pode fazer com isso. Nunca pretendi os grandes papéis, o ser protagonista. Agora, gosto de fazer coisinhas, de fazer pequenos papeis, porque é muito difícil fazer em cinco minutos aquilo que muitos fazem um muitas horas e é um desafio muito grande. Já fiz alguns espectáculos. Um dos últimos que fiz no TEP, praticamente não tinha texto, tinha era uma presença muito grande.

**E o contracenar com actores tão jovens como os que são neste elenco?**

**AF:** Eu não tenho problemas com as idades, porque como professor tive sempre os alunos com as mesmas idades e senti a evolução da adolescência ao longo dos anos desde a aparência dos telemóveis que tanto têm dado que falar ultimamente. Mas nunca tive problemas com os telemóveis nem com os alunos. Há uma coisa que eles gostam que é que o professor seja exigente e não facilite. O professor que facilita, que eles chamam o baldas, não têm respeito nenhum por ele. E quando chegam ao fim do ano, para se safarem, vão acusar o professor que os deixou fazer isto ou aquilo, que deu as facilidades todas... eu nunca fui por aí, fui sempre extremamente exigente, tive muito má fama de dar as notas, de ser um autêntico sovina. Dava logo zeros no primeiro período, utilizei sempre a escala do zero ao vinte, tanto dava zero como vinte, não tinha problemas nenhuns e nunca tive ninguém que reclamasse, nem pais nem alunos. O mesmo grau de exigência eu tenho agora. Mas aqui há aspectos interessantes e menos interessantes também... Quando comecei no teatro, aque-



les que eu via no palco, considerava-os o máximo dos máximos e tratava-os por senhores ou senhoras actrizes, era tudo muito respeitoso. Mas isso já não existe. Isso vem agora na sequência de uma coisa que eu tive pena de no meu tempo não haver que são as escolas de teatro. Eu nunca tive escola nenhuma, aprendi com a prática e vendo. Neste momento, quando eles saem das escolas já aprenderam tudo e estão iguais aos outros. Já saem com o estatuto de actor, enquanto que no meu tempo para se sair com o estatuto de actor era preciso fazer um número determinado de espectáculos ou representações para então pedir a carteira profissional, entretanto éramos estagiários. Havia estagiários que não ganhavam. Agora, já saem com o estatuto de actores a pensar que são iguais aos outros e a forma de abordagem é completamente diferente.

**Mas acha que, efectivamente, estes actores já sabem tanto como os outros?**

**AF:** Eles acham que sim.

**E o Alexandre Falcão o que acha?**

**AF:** Depende da personalidade de cada um. Há alguns que dizem assim: eu aprendi, mas se calhar não aprendi tudo e então vou falar

com quem tem mais experiência. Neste espectáculo já tive colegas que me pediram se eu não me importava de ir assistir à cena para verem o que tinha a dizer. Embora se eu fosse dizer por minha livre iniciativa a qualquer pessoa que não estava a fazer isto bem, mandavam-me logo passear. Há gente muito convencida a quem não se pode dizer nada. Mas isto não é só para os mais novos, com os mais velhos acontece também a mesma coisa. Há gente com quem se consegue dialogar e ter confiança para aceitar um conselho do género 'ó pá em vez de dizeres isso assim diz antes de outra maneira'. Mas há outros a quem nem sequer me atrevo a dizer nada. Eu costumo dizer que não dou aulas de teatro, não dou. Se me pedirem um conselho eu digo a minha opinião e depois que façam o que quiserem. Agora por livre iniciativa chegar a beira de alguém e dizer isto e aquilo não faço nem farei nunca.

**Foi difícil apanhar a alma do taberneiro Mordcha?**

**AF:** Nem por isso. Para se criar uma personagem e para que as pessoas percebam é preciso o tempo necessário para haver uma evolução e ela tem que aparecer mais vezes. Por isso, neste tipo de espectáculo as personagens não têm tempo para se ver se têm evolução ou não. Aquelas coisas que se diziam sobre o estudo psicológico das personagens é mentira, não existe nada disso, pelo menos neste tipo de espectáculos. É como dizia o meu amigo Norberto Barroca 'eu não quero que me expliquem, quero que fa-

## CRISE NO TEATRO

**Como vê o actual estado do teatro e da cultura em geral no norte?**

**AF:** Para não ser miserabilista eu acho que o teatro está com uma vitalidade, só que o tempo, neste momento, não é propício a que as pessoas tenham poder de compra para ir ver muitas coisas. Essa coisa de se dizer que o teatro está em crise, eu acho que o teatro está em crise desde Gil Vicente. Não é uma questão de agora, eu sempre ouvi dizer desde o tempo que cá estou no teatro há 28 anos, que o teatro está em crise e que sempre houve problemas com dinheiros, subsídios ...

**O poder político dirigente tem a sua quota-parte de culpa nesta situação?**

**AF:** O poder político tem a sua quota-parte de culpa enquanto responsável pela política cultural do país. Das duas, uma: ou nós aceitamos que o governo tem responsabilidades culturais, como tem financeiras, económicas e outras ou então dizemos que não. Mas se tem, então que as assuma.

**Acha que essas responsabilidades estão a passar um pouco despercebidas?**

**AF:** O governo é uma coisa que está lá muito em cima e que nós não temos muito acesso. É como o Estado que ninguém sabe muito bem quem é. Muitas vezes confunde-se governo com Estado. Acho que o papel fundamental deve ser desempenhado pelas autarquias. As autarquias têm um papel fundamental, porque são elas que estão próximas da realidade, estão inseridas num determinado contexto, conhecem as pessoas que pertencem ao seu município e têm que ter também os meios que o poder central tem que lhes oferecer. Mas, é certo que muitas vezes não é o dinheiro que permite dizer que se tem mais ou menos. Por exemplo, eu conheço razoavelmente a câmara de Matosinhos que, provavelmente, tem menos dinheiro que outras câmaras e que tem uma actividade cultural superior.

**E isso deve-se a quê? A iniciativas das próprias companhias?**

**AF:** Deve-se a iniciativa da própria câmara. Eu acho importante ir-se buscar as pessoas certas. E a câmara de Matosinhos tem essa característica. Vai ser inaugurado o teatro Constantino Nery, uma sala de espectáculos que foi recuperada. Tenho visto, em alguns locais que tenho ido, um grande esforço de algumas autarquias em recuperar espaços para fazerem teatro. E há muitos grupos. Isto depende de uma visão que as pessoas têm sobre as coisas, porque não é o dinheiro que permite fazer, é o espírito de invenção. Eu dei muitas aulas e durante alguns anos tive uma disciplina na escola que se chamava Oficina de Expressão Dramática e fiz muitos espectáculos interessantes dentro e fora da Escola sem gastar praticamente um tostão, mas se a Escola também me forneceu determinado tipo de coisas pelas quais eu lutei muito, como projectores, uma mesa de som, uma mesa de iluminação...

Assim como quando eu trabalhava com o grupo amador também não tinha nada, rigorosamente nada e não foi por causa disso que eu deixei de fazer as coisas. Se estiverem à espera de dinheiro para fazer determinado tipo de coisas, nunca mais fazem. Eu só posso pedir e exigir quando eu provar que, praticamente, sem nada consigo fazer isto, agora, dêem mais meios que eu consigo fazer outras coisas. A própria sociedade civil deve organizar-se de tal forma para fazer certas actividades. Mas façam o favor de assumirem as vossas responsabilidades.

**É preciso ter força de vontade e de iniciativa, não é?**

**AF:** É preciso ter iniciativa, mas isto esbarra com uma mentalidade muito nossa de dizer 'oh teatro, isso não vai dar nada, se ao menos ainda fossem telenovelas'. Antes de se começar a fazer as coisas já está tudo destruído e isto é que é um dos males das coisas não aparecerem. Felizmente, já há aí alguma malta nova, atrevida que se atira de cabeça e que seja o que Deus quiser, se ficarem a dever dinheiro, paciência.

**Neste momento, o actor tem subsídio de desemprego? Tem caixa? Precisa de um médico? É uma profissão perfeitamente à margem de todas as outras. Ninguém pode estar doente no teatro.**

**Gostava de fazer aqueles clássicos que todos aqueles actores gostam de fazer quando estão no fim da carreira. Pode ser que ainda surja essa oportunidade. Não é que seja muito novo, mas ainda não tenho a maturidade da velhice para fazer esses papéis.**

çam', e eu estou nessa onda (risos). Neste tipo de papéis nem sequer há tempo para estar a pensar, é fazer e depois logo se vê. E quem estiver a ver que diga se está bem ou mal e depois que corrija. Não há o tempo necessário para a personagem se desenvolver. Isto são quase quadros que fazem parte da história. Eu não estou à espera que as pessoas saiam da peça e que digam 'aquele taberneiro era fantástico', de maneira nenhuma. Não há tempo para se ser fantástico, mas é para se fazer bem com o tempo que temos. O espectáculo vale pelo todo. Este é um espectáculo de protagonista, é essencialmente um espectáculo para um actor.

#### Para José Raposo?

AF: Para o Zé Raposo.

#### E ele safa-se?

AF: O Zé é um excelente actor que eu conheço há já muitos anos quando andávamos a fazer uns sketches (risos). Divertimo-nos imenso. Nesse aspecto sou muito parecido com o Zé. Se eu não tiver com prazer a fazer as coisas torna-se um desastre e ele tem também essa necessidade.

#### Ele parece divertir-se muito...

AF: E também não poderia ser de outra maneira e, especialmente, à vida que ele tem. Vai para Lisboa, vem para cá, vai para a novela, sai da novela, vem para cá... senão coitado, o rapaz dava em maluco. Mas eu também gosto de me divertir e de sentir prazer, mesmo ao estar a fazer o maior dramalhão deste mundo eu tenho que me divertir.

#### E diverte-se com esta personagem?

AF: Divirto-me muito. O público nunca se apercebe das brincadeiras que se fazem. O Filipe não gosta de ouvir isto, mas tem que saber que as brincadeiras também existem. Eu tenho uma situação que explica muito bem isto que foi uma vez numa aula de apresentação eu tive um aluno novo que sempre que eu dizia alguma coisa ele ria-se. E os outros começavam a olhar para mim e para ele. Eu achei que aquilo já era demasiado e disse-lhe 'olha, só existe uma diferença entre mim e os outros professores: é que comigo os alunos chumbam, mas riem-se muito'. (risos) Eu tinha alunos que não faltavam e outros pediam para irem assistir às minhas aulas. As aulas era divertidas, sim, mas algumas delas eram também aos gritos e aqui



também sou parecido com o La Féria, gritava muito, berrava muito, batia com o livro de ponto em cima da mesa, pintava a manta, mas eles também sabiam que aquilo era muitas vezes da boca para fora. É um bocadinho este exemplo, divirto-me ao fazer qualquer coisa, logo que sinto prazer, até porque estou cá e não sou obrigado. Não preciso do teatro para viver nem para pagar a água, a luz e o telefone e, por isso, estou à vontade. Podem mandarem-me embora quando quiserem e eu também tenho a liberdade de dizer que agora não quero mais.

#### Concorda com La Féria quando este diz que "Um Violino no Telhado" é um projecto megalómano para o Porto?

AF: Não é propriamente megalómano para o Porto. Eu acho que os projectos por mais megalómanos que sejam devem sempre serem feitos, porque isto se não for de loucos ninguém faz. Primeiro, porque gente de juízo não vem para o teatro e depois também não se mete nestas coisas que hoje pode dar dinheiro, mas que amanhã pode estar tudo na miséria. Megalómano nesse aspecto sim, agora se é megalómano para o Porto, acho que não. As pessoas é que não viram se calhar um espectáculo como este, mas já deve ter havido outros que também se podem considerar um pouco megalómanos, mas que as pessoas podem não ter tido conhecimento. Acho muito bem, cada vez mais megalómano. Como dizia o Gedeão, "O sonho comanda a vida", e se não for assim não há nada. Por isso é que as pessoas muito racionais impedem que os outros façam, porque impede-os de sonhar. Às vezes, lá em casa, diziam-me não faças isto ou aquilo, olha que dás com a cabeça na parede e eu respondia que tinha que saber qual era a dor de cabeça. Se eu andar só atrás do sucesso haveria coisas que se calhar nunca faria

na vida, porque já tive muitas coisas das quais disse que chatices, isto foi um fiasco, mas também se não fosse assim não conhecia o outro lado.

#### Esperava que "Um Violino no Telhado" fosse ter tanta projecção e sucesso?

AF: Ah sim, mais sucesso do que qualquer outra. Primeiro é um espectáculo que as pessoas reconhecem rapidamente, a música continua no ouvido das pessoas por mais anos que se tenham passado sobre o filme, o filme continua aí em DVD e o espectáculo tem todos os ingredientes: a música, os actores, as luzes, os efeitos, o comboio, as criancinhas. Tem tudo o que é necessário para as pessoas gostarem do espectáculo. Eu costumo dizer que quando vou ao teatro das duas uma: ou vou para chorar ou para rir, agora para ficar indiferente não vale a pena; nem com um livro eu fico indiferente. Tenho que me emocionar.

#### Tem outra actividade além do teatro?

AF: A minha actividade é o teatro, mas comecei a dar aulas na Universidade Sénior Florbela Espanca em Matosinhos. Também dou explicações de geometria descritiva que era uma das especialidades que eu tinha, além do teatro, por também ter feito livros de geometria. Nunca gostei de ganhar dinheiro com as explicações e hoje poderia estar riquíssimo à custa disso, porque é dinheiro que não entra para o fisco. Mas nunca quis ganhar dinheiro com as explicações, porque como eu costumava dizer 'ganhar dinheiro com a ignorância alheia' custava-me. Como são pessoas amigas eu dou. Mas é de borla. Quem quiser explicações de geometria descritiva, publicamente, é de borla, não levo dinheiro rigorosamente nenhum. E uma das coisas que estou ansioso por fazer quando houver uma paragenzinha é viajar, eu adoro viajar.

#### O que é que gostava de fazer?

AF: Gostava de fazer aqueles clássicos que todos aqueles actores gostam de fazer quando estão no fim da carreira. Pode ser que ainda surja essa oportunidade. Não é que seja muito novo, mas ainda não tenho a maturidade da velhice para fazer esses papéis. Dentro de algumas peças gostava muito de fazer certas personagens. Gosto também de desdobrar-me em várias personagens numa mesma peça. Já o fiz na peça "Um Cálice de Porto", na qual tinha muitos papéis, desdobrava-me e andava ali numa lufalufa. São esses números que me dão a possibilidade de fazer coisas diferentes e são um desafio muito grande. Por outro lado o público vê que o actor é versátil. Apesar do meu público já me conhecer e de eu ter feito clássicos, as pessoas associam-me mais à comédia.

#### Com que cores pintaria o quadro da sua passagem pela arte do espectáculo?

AF: O meu curso é de pintura e já há muito tempo já não o faço por vergonha. Eu agora tenho vergonha de mim próprio de pintar e de desenhar. Eu agora sinto-me sem coragem para pegar nos lápis ou nos pincéis. A minha cor preferida foi sempre o azul. Também os signos dizem que a minha cor é essa, por isso, estou de acordo com os signos. Se eu pintasse um quadro teria que pôr muito cor-de-rosa com muito azul, mas este azul não significa nostalgia nem depressão, seria o azul do céu ou do mar. Mas teria de pintar algumas coisas de negro. Porque eu estou no teatro por raiva, fizera-me sofrer tanto, tanto, tanto que chorei baba e ranho. E houve uma altura na minha vida que eu pensei que se aquilo fosse teatro eu ia embora, mas depois pensei que teatro deveria ser outra coisa e fiquei. Quando tiver que ir embora será pela passadeira vermelha na porta grande.

#### E seria um quadro mais abstracto ou figurativo?

AF: Eu não sou muito de abstracto. Sou mais da base de um certo surrealismo. Sou muito realista, mas depois jogo com os elementos reais. Se eu pintar um automóvel e puser em cima um copo de água é um quadro surrealista e toda a gente fica a olhar. Gosto de jogar com os objectos reais e pôlos em relações não habituais. As pessoas reconhecem os objectos, mas reconhecem-nos num contexto diferente da realidade, porque se for para pintar a realidade tal como ela existe eu tenho óptimas máquinas fotográficas. Seria um quadro mais figurativo.

#### Projectos para o futuro?

AF: Não tenho, porque no teatro eu dependo dos outros. Se os outros tiverem projectos para mim sabem onde eu moro. Eu não quero ser empresário, não quero ter grupo nenhum. Só quero representar.

## Europa e a cimeira dos G20



Por António Meira

Gordon Brown, Primeiro Ministro inglês, que liderou o processo de ajuda dos governos europeus às instituições financeiras

do velho Continente, chegou a Washington decidido a reorganizar o sistema com mais de 50 anos, dominado pelos EUA, pelo dólar e pelo G7 com poderes de controlo sobre o FMI – Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial. Contudo, a ausência de Barack Obama levou a que ninguém quisesse assumir nada de novo antes da tomada de posse do novo presidente norte-americano, que só será a 20 de Janeiro de 2009. Foi uma derrota clara no timing escolhido pelos europeus e uma clara vitória dos americanos no sentido de manter o status quo em vigor – para tal texto produzido nem valia a pena ter havido cimeira! O mais notável da conclusão da reunião é o facto de ter havido um largo consenso, ainda que não fossem definidas quaisquer quotas, para que a China, Índia, Brasil, México e África do Sul possam vir a ter um papel mais decisivo e interventivo em organizações como o FMI. Os líderes do G20 acordaram ainda voltar a reunir em finais de ABRIL-2009, tempo suficiente para que Obama e a sua equipa consigam aperceber-se do eventual interesse de uma nova realidade. A actual administração Bush dizia depois do comunicado final estar muito satisfeita com a menção por várias vezes no texto de referências salientando a importância dos princípios de mercado, mercado livre e regimes de investimento em vigor como princípios que devem continuar a guiar os mercados em alternativa a uma maior intervenção governamental como alguns líderes europeus vinham a defender. A ausência de medidas concretas levou a que no início da semana passada nenhuma das tendências se tivesse desviado. O euro continua fragilizado para o dólar, yen – (Japão) e franco suíço; o petróleo continua com tendência de queda com receios de que a economia global afunde mais e as Bolsas, em geral, mantêm igualmente uma trajectória descendente. As matérias-primas, também em geral, continuam sem margem de alta porque os receios de uma crise económica mais severa ainda domina os decisores de compras e os investidores. Provavelmente os responsáveis políticos e financeiros dos G20, não conseguiram encontrar uma resposta à destruição de 7 trilhões de dólares na saúde financeira mundial e advinha-se uma nova era de poupança que terá que emergir.